

José Craveirinha:
para além da utopia

Francisco Noa*

* Universidade Eduardo Mondlane.

Ao analisar o valor e a função das utopias, Michel Foucault (1966, p. 9) conclui que “as utopias consolam: visto que elas nunca tiveram lugar, elas manifestam-se, contudo, num espaço maravilhoso e plano; elas propiciam cidades com vastas avenidas, jardins bem arranjados, países fáceis, mesmo quando o seu acesso é quimérico”.

Independentemente, portanto, dos contornos e dos particularismos que cada utopia apresenta, esta leitura foucaultiana sintetiza o essencial do discurso utópico: *consola* (é uma espécie de escape e de alternativa em relação a uma determinada realidade quase sempre desconfortável e ameaçadora), *é um produto de imaginação virado para o futuro* (o que ela convoca é algo novo, espécie de não-lugar), *é otimista* (trata-se, quase sempre, de uma realidade harmoniosa, edénica e compensatória).

A literatura impõe-se como o espaço onde, de modo muito particular, nos confrontamos com múltiplas e variadas configurações do imaginário utópico. Afinal, ela é, *per si*, uma das formas mais elaboradas do imaginário utópico enquanto aspiração da linguagem que se institui e funda mundos possíveis ou, simplesmente, enquanto idealização da existência.

É, pois, neste sentido, que se reconhece na poesia de José Craveirinha uma quase que incontrolável vocação utópica tal é a sedução pelo porvir, enquanto garantia de superação dos constrangimentos do presente, expressão de uma nem sempre mitigada nostalgia do futuro. Isto é, trata-se de uma contestatária interpelação da existência, um não lugar que se assume como alternativa.

Dois poemas, produzidos em contextos histórico-ideológicos distintos, nomeadamente “Sia Vuma” (antes da Independência do país) e “Saborosas Tanjarinas de Inhambane” (cerca de dez anos depois dessa mesma Independência), traduzem superiormente este pendor quimérico e visionário do poeta maior de Moçambique. Nele são indissociáveis as interações entre a contrafacção poética e o meio a que pertence, numa clara reafirmação da especificidade da arte africana que se articula poderosa e constitutivamente com o mundo empírico.

Temos, por conseguinte, no primeiro poema, a exuberante exposição de uma imaginação que febrilmente arquitecta uma realidade por vir, espaço-nação idealmente robustecido por três dos grandes mitos do imaginário moderno, como sejam, a Liberdade:

[..]

E dançaremos o mesmo tempo da marrabenta
sem a espora do calcanhar da besta
do medo a cavalo em nós

SIA-VUMA!

a Igualdade:

E construiremos escolas
hospitais e maternidades ao preço
de serem de graça para todos
e estaleiros, fábricas, universidades
pontes, jardins, teatros e bibliotecas
SIA-VUMA! [...]

e a Fraternidade:

E um círculo de braços
Negros, amarelos, castanhos e brancos
Aos uivos da quizumba lançada ao mar
Num amplexo a electrogéneo
Apertará o imbondeiro sagrado de Moçambique
À música das timbilas
Violas transístores e xipendanas
SIA-VUMA!

São discerníveis, neste caso, as marcas *simbólicas* (marrabenta), *metafóricas* (sem a espora do calcanhar da besta), *linguísticas* (dançaremos, o mesmo tempo, Sia-Vuma) e *referenciais* (hospitais, maternidades, fábricas, universidades) que traduzem uma genuína e eufórica vibração reconstitutiva e em que a descontaminação e a correcção do presente implica a projecção de uma realidade paradisíaca. Isto é, recusa-se uma situação real e constrangedora e parte-se idilicamente para um mundo virtual, do qual se desfruta larga e voluptuosamente:

E não mais o lovolo
 E a estiva de manhã à noite
 Sem o gozo comum dos sexos
 E coxas delas penetradas
 A invencíveis machos de liberdade
 SIA-VUMA!

Esta arquitectura de uma nação vindoura e aprazível confirma a utopia como uma das manifestações mais singulares da imaginação projectiva. E essa singularidade torna-se mais acentuada no caso das utopias literárias onde, apesar de serem perceptíveis motivações de várias ordens (social, política, religiosa, etc.), não são óbvias as suas implicações tanto do ponto de vista prático, imediato, como da sua efectivação, tal como acontece, aliás, nas utopias platónicas, saint-simonianas, owenianas ou fourierianas.

Isto é, perante uma condição de insustentabilidade mais ou menos generalizada, o poeta faz-se voz profética anunciando, entre o fascínio e a êxtase, um mundo melhor por vir. Afinal, é através da porta estreita da utopia que, segundo André Gide, se entra numa realidade benfazeja, no caso de Craveirinha, simplesmente arrebatadora.

Se é verdade que se cumpriu, mesmo que de forma sofrível, a utopia feita vaticínio superiormente materializado em “Sia-Vuma”, não é menos verdade que também se cumpriu a condição *sine qua non* da própria utopia: a da sua não-realização na forma plena e compensatória como ela é concebida.

E é aí onde reside o lado perverso da utopia: o facto de ela projectar a imagem de uma perfeição fora dos limites do possível. Na sua expressão delirante, a consciência utópica, ao mesmo tempo que se institui como críti-

ca a uma sociedade degradada e desigual, oferece-nos, em contrapartida, como alternativa, a representação do melhor dos mundos, da sociedade mais perfeita, que de tão perfeita, acaba por produzir sedimentos esquizofrênicos. Recorde-se, por exemplo, o esquematismo governativo de *A República* de Platão, ou a circularidade existencial e o automatismo comportamental em *A Utopia* de Thomas More.

Embora se enquadre nas chamadas “utopias realizáveis” (Friedman, 1975, p.15), em que clamorosamente vemos proclamada uma Idade de Ouro, não mais como nostálgica evocação do passado, mas como realidade incontornável do porvir, espécie de “cosmogonia do futuro” (Eliade, 1963, p.50), a poesia pró-independentista de José Craveirinha, emblematicamente representada por “Sia-Vuma”, tem em si os germens de um desencanto por vir que a própria exuberância da representação toda ela solar, emocional e otimista parece prenunciar. Afinal, “a utopia afigura-se, portanto, salutar como um raio de sol sobre o quotidiano cinzento ou uma gargalhada quando o tédio nos atormenta” (Paquot, 1997, p. 9).

Será precisamente no poema “Saborosas Tanjarinas d’Inhambane”, onde cerca de sete anos depois da eufórica vertigem desencadeada pela Independência, já “sem a espora do calcanhar da besta”, emerge o verso do desengano, o amanhecer das ilusões traídas:

Como são hábeis os relatórios das empresas estatizadas
 prosperamente deficitárias ou por causa das secas
 ou porque veio no jornal que choveu de mais
 ou por causa do sol ou porque falta no tractor um parafuso
 ou talvez porque um polícia de trânsito não multou Vasco da Gama
 ao infringir os códigos na rota das especiarias de Calicute.

Fragor de um adstringente desencanto entretanto amenizado pela desconcertante magia criativa do poeta e pela pregnância evocativa da fruta (a *tanjarina*) que faz explodir os múltiplos sentidos e sabores do poema, “Saborosas Tanjarinas d’Inhambane” assume-se como a mais madrugadora expressão dos (in)cumpridos vaticínios do poeta da Mafalala.

Da altissonante confiança no futuro inscrita em “Sia-Vuma” (*será, dançaremos, seremos, construiremos, guiaremos, semearemos, ergueremos, distribuiremos, inocularemos, etc.*), atracamos, então, em “Saborosas

Tanjarinas de Inhambane”, porvir outrora feérico que se faz aí presente de incertezas, de inquietações:

Serão palmas induvidosas todas as palmas
que palmeiam os discursos dos chefes?
Não são aleivosos certos panegíricos excessivos de vivas?
[..]
E nos nossos tímpanos os circunjacentes murmúrios?
Não é boa ideologia detectar na génese os indesmentíveis boatos?
Uma população que não fala não é um risco?
Aonde se oculta o diapasão da sua voz?

tal é o quadro da generalizada desorientação:

Depressa você Madalena vais bichar lenha, deixa bicha de carapau.
Tu vovó sai da bicha de capulana vai bichar pão.
E Toninho com Quiristina vai os dois bichar água.

E o poeta faz-se cronista do quotidiano de todas as privações:

Sexta-feira antepassada mamana Júlia dormiu lá mesmo.
Bichou toda noite no Jone Uarre mas chegou vez... NADA!
Aontem tomar chá não tomou... foi no serviço
Aoje não toma? Vai tomar amanhã.
Não toma amanhã toma outro dia.
Ou quando encontra toma de noite.
E quando não encontra de noite então dorme.
Mas quando sonhar amendoim já tomou chá, já comeu.

da galopante vandalização:

Na berma das avenidas asphaltizadas de lixo olhemos perplexados
os sarcásticos prédios por nós escaqueirados. Não dói?
Nas escolas é maningue melhor partirmos as carteiras
e de rastos estudar no chão?
E nas fábricas que mãos são estas nossas proletárias mãos
que a trabalhar só desfabricam?

da impunidade

Es specular a pátria não é guiar a viatura nova contra os muros e os postes?

E ilegalidade só é ilegalidade nos outros? Hiena só é quizumba no mato?

Num poema todo ele regado de refinada, mas sarcástica ironia, em alguns momentos oscilando para o tragicómico, particularmente quando se opõe presente e passado:

Nossa barriga alembra bife com batata frita e azeitona. Alembra bacalhau

mais grelos, mais azeite d'oliveira com vinho tinto de garrafão lacrado.

Mas nós tinha isso quando queria ou quando restava? Era nossa casa?

Qual casa?

Lá naquela casa a gente puxava otoclismo p'ra nosso cu ou pró cu dos outros?

Vá! Fala lá! A gente não ficava de cócoras na sentina? A gente tinha mais balde mais o quê?

À firmeza cáustica que sedimenta as sensações e percepções do sujeito em relação ao mundo que o envolve e que se desagrega notoriamente, corresponde a aguda e narcísica consciência da condição providencial da poesia e do sentido messiânico do poeta:

E quanto ao mutismo dos fazedores de versos?

Não sai poesia será que saem dos verões crepusculares dos bairros de caniço augúrios cor-de-rosa?

Quem é o mais super na meteorologia das infaustas notícias?

Quem escuta o sinal dos ventos antes da ventania e avisa?

E na esteira desse dificilmente irrefragável sentido de missão que se reconhece em Craveirinha, vemos insinuar-se nas linhas amargas em que se cose a quase totalidade do poema, uma paradoxal, quase capciosa réstia de optimismo. Isso, precisamente na forma reiterada e cantante como se convocam as “saborosas tanjarinas d’Inhambane”, preciosidade utópica, metáfora, afinal, de todas as esperanças:

Que os camionistas heróis dos camiões emboscados a tiro nas viagens
 tragam as saborosas tanjarinas d’Inhambane ao custo das ciladas
 mas que descarreguem primeiro nos hospitais
 nas creches e nas escolas que o futuro do país
 também fica mais doce na doçura das tanjarinas d’Inhambane.

Da evocação realística e suculenta da “tanjarina”:

Eu adoro morder voluptuosamente os sumarentos gomos
 das magníficas tanjarinas lá d’Inhambane. Adoro mesmo!
 e desde leste a oeste quem não gosta das saborosas tanjarinas
 d’Inhambane?

o poeta prolepticamente parte para o apelo de valores como o do nacionalismo, patriotismo: “Se não gostam, então, os que abjuram os sagrados frutos da terra-mãe / que façam lá um pai e uma mãe” e heroísmo: “Agora alerta camarada Control. Vem aí camião com tanjarinas d’Inhambane / Tira dedo do gatilho e faz um aceno d’alegria ao estóico motorista”.

E é assim que o patriótico citrino avoluma o caudal do visionarismo poético de José Craveirinha, numa alquímica combinação em que poema, sujeito e objecto (a “tanjarina”, obviamente) se tornam símbolo do mesmo destino: o futuro:

Camarada Control: abre teu mais fraterno sorriso no meio da estrada
 e deixa passar de dentro para dentro de Moçambique
 nossas preciosas tanjarinas d’Inhambane.
 agora descasca uma tanjarina e prova um gomo.
 É doce ou não é doce camarada Control?

Em suma, apesar de que tanto “Sia-Vuma” como “Saborosas Tanjarinas d’Inhambane” respondem a condicionalismos sócio-históricos determinados, o que perpassa nas contrapostas aspirações do sujeito que aí emerge é uma profunda e estruturante vocação pelo porvir, num eterno e recriador fascínio pela reinvenção do presente e do mundo. Por consequência, devemos olhar para a construção utópica em José Craveirinha não já como simples exercício de evasão, de consolação ou de compensação, mas sobretudo

como expressão de uma dimensão particular da condição humana capaz de gerar lampejos de esperança perduráveis, tal como singularmente o faz a genialidade inconformada do poeta da Mafalala.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ELIADE, Mircea. *Myth and Reality*. Harper & Row, Publishers, Inc, 1963.

FOUCAULT, Michel. *Les Mots et les Choses*. Paris: Éditions Gallimard, 1966.

FRIEDMAN. *Utopies Réalisables*. Paris: Union Générale d'Éditions, 1975.

PAQUOT, Thierry. *A Utopia*, Mem Martins. Lisboa: Public. Europa-América, 1997.

